

Os filhos da Núbia: Etnicidade e deslocamentos culturais na África antiga sob a XVIII dinastia egípcia¹

FÁBIO AMORIM VIEIRA*

Resumo: A presente proposta tem por objetivo de pesquisa a investigação em torno de alguns indícios de tráfegos culturais e configurações étnicas na África antiga, concentrando-se na presença de nobres núbios educados no contexto egípcio durante o Novo Império faraônico, mais precisamente sob a XVIII dinastia. Tal período se caracteriza, entre outras questões, por corresponder ao contexto posterior aos 200 anos de dominação estrangeira no Egito, quando os egípcios reconquistam o império após a invasão e controle governamental dos asiáticos *hicsos*. Nesse contexto de reconquista, o contato e a presença de estrangeiros no reino aumentaram significativamente, não somente pela permanência de asiáticos resultante do período do controle hicsos, como após a restauração do controle egípcio, quando do fortalecimento das relações do Egito com as terras estrangeiras, especialmente na região núbia. Neste processo de domínio imperial filhos núbios recebiam instruções e saberes na corte egípcia, sob uma política de dominação faraônica a ansiar conexões administrativas e culturais, pautadas em laços de educação e convívio social de herdeiros núbios de terras dominadas aos costumes egípcios. A compreender estes interstícios e processos de diferenças culturais e engajamentos étnicos, para além de definições rígidas de tradições culturais construídas, anseia-se visar as fontes destes sujeitos cujas vidas duplas cruzam-se em um contexto diaspórico de movimentação cultural no espaço núbio e egípcio da antiguidade.

Palavras-chave: África antiga; Núbia, Egito, Cultura; Etnicidade, Diáspora.

A filha do faraó descera ao Nilo para tomar banho. Enquanto isso, as suas servas andavam pela margem do rio. Nisso viu o cesto entre os juncos e mandou sua criada apanhá-lo. Ao abri-lo, viu um bebê chorando. Ficou com pena dele e disse: "Este menino é dos hebreus". (...) Então a filha do faraó disse à mulher: "Leve este menino e amamente-o para mim, e eu pagarei você por isso". A mulher levou o menino e o amamentou. Tendo o menino crescido, ela o levou à filha do faraó, que o adotou e lhe deu o nome de Moisés, dizendo: "Porque eu o tirei das águas". (Êx, 2:1-10)

A passagem acima, retirada do famigerado livro bíblico do Êxodo, abre este texto nos provendo possíveis reflexões à temática desenvolvida nas páginas seguintes. Embora se trate de uma narrativa religiosa judaica, este lapso inicial da vida de Moisés,

¹ O presente artigo se constitui dos resultados preliminares do projeto de pesquisa de mestrado intitulado *Os filhos de Kush: Etnicidade, deslocamentos e circulações culturais na África antiga sob o Novo Império egípcio (1580-1080 a. C)*, desenvolvido a partir de 2015 pelo autor e sob orientação do prof. Dr. José Rivair Macedo. Agradeço ao auxílio de Rennan de Souza Lemos e do prof. Dr. Paul Van Pelt pelo envio de fontes e materiais fundamentais à análise.

* Mestrando em História na Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, é pesquisador associado do NEAB/UDESC e bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. E-mail: fabioamorimvieira@gmail.com

encontrado e adotado pela corte egípcia *apesar* de sua procedência hebraica, nos fornece a pergunta inicial ao presente texto: de que maneiras a elite faraônica lidava com as presenças estrangeiras no Egito?

A responder esta demanda, direcionamos nossa lente de análise histórica aos povos fronteiriços ao sul do Egito faraônico, denominados como Núbia. Tal seleção se dá a partir de escolhas históricas e historiográficas.

Historicamente, os povos núbios, nas zonas meridionais à primeira catarata do rio Nilo, expõem-se como um constante e ativo vizinho, sob relações comerciais e de conflito com os egípcios desde as primeiras dinastias faraônicas (BRISAUD, 1978: 64; SILVA, 2002: 21). No contexto aqui analisado, concernente à XVIII dinastia, os fluxos de contato e relações entre egípcios e núbios tornam-se ainda mais estreitos e tenazes a partir dos projetos coloniais do Egito imperial, como se mostrará ao longo do texto.

Historiograficamente, nossa escolha se dá por meio do enfoque à Núbia em detrimento de toda uma escrita da história a frequentemente invisibilizar ou resumir as populações núbias à mera participação nas páginas da história faraônica enquanto uma área *inferiormente* africana e estrangeira cujas experiências em relação ao Egito limitaram-se à passividade, divergência e separação étnica. Ao contrapor toda uma produção historiográfica de cunho *egiptocêntrico*, a enfatizar uma hierarquia de superioridade egípcia que diverge de uma inferioridade núbia (VAN PELT: 2013), ansiamos também perceber as sincronizações e negociações relacionais entre elementos culturais egípcios e núbios para além de desproporções étnicas.

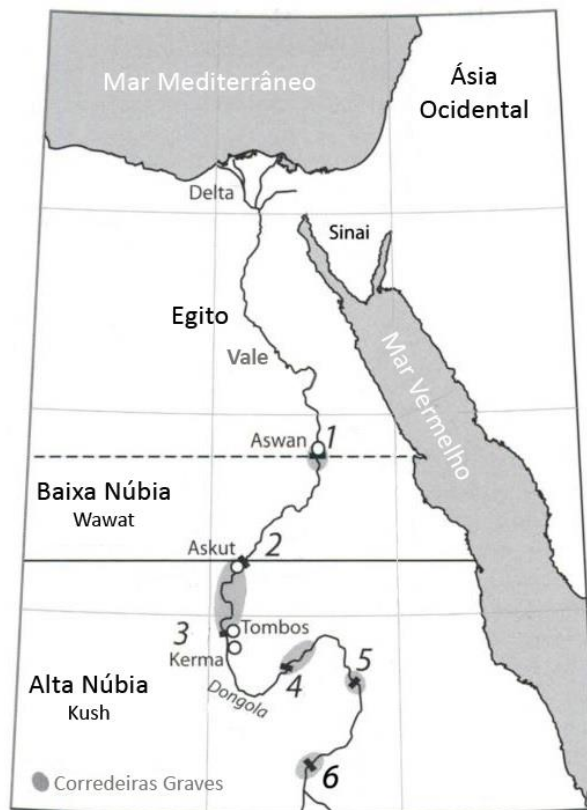
Antigas interações: Fronteiras e movimentações egípcias e núbias

Do ponto de vista político, é pontual enxergar a Núbia enquanto um conjunto de múltiplas formações políticas e populações heterogêneas. Se na antiguidade o Egito permanecia sob um reino unificado desde o terceiro milênio antes da era cristã, a Núbia era composta por grupos somáticos e reinos independentes a ocuparem as terras ao sul da primeira catarata do Nilo (MOKHTAR, VERCOUTTER, 2011: xxxiv).

A partir dos avanços dinásticos egípcios e do crescimento das sociedades núbias, estas se viram cada vez mais imersas em contatos com os povos egípcios ao norte das cataratas. Se os primeiros faraós legaram testemunhos de conquistas de cativos e gado oriundos da Núbia a entrarem no Egito sob expedições de guerra, será a partir da XI

dinastia, em 2134 a. C., que os povos núbios verão o empreendimento egípcio de efetivas campanhas militares de ocupação das regiões meridionais e tráfegos constantes nos corredores de água e areia no Nilo e no Saara (BRISAUD, 1978: 78).

Nos domínios egípcios de expansão ao sul, anseios econômicos encontravam-se no centro dos propósitos expansivos, a garantirem os produtos importados das regiões núbias, como ouro, peles de animais, incenso, madeira, plumas e ovos de avestruz e marfim (SILVA, 2011: 100). Na ação destas relações comerciais elementos culturais participavam do câmbio junto aos itens comerciados. As trocas materiais configuram-se, assim, em trocas culturais entre grupos distintos.



Mapa do rio Nilo cortando o Egito e a Núbia. Adaptação do mapa presente em SMITH, 2003, 3.

Junto ao anseio comercial, estas expedições faraônicas meridionais tencionavam também a segurança do reino egípcio perante possíveis invasões estrangeiras, núbias ao sul e asiáticas a leste. Tal ânsia de defesa é percebida diante da solidez de fortalezas

egípcias construídas em solo núbio sob a XII dinastia (1938-1735 a. C), a fim de controlar as fronteiras do império no sul e no leste (GIORDANI, 2010: 130-131).

Se o Egito se preocupou tanto com a segurança do reino por meio de controles de fronteiras e fortalezas, será após a XII dinastia que os faraós sucumbirão à tomada estrangeira do império pelos hicsos². Provenientes das áreas do Oriente Próximo, estes se instalaram através das fronteiras a leste no delta egípcio, desestabilizando a unidade política faraônica, além do controle às fronteiras assentadas nos reinados anteriores.

No contexto núbio, tal período de domínio asiático e enfraquecimento egípcio, entre aproximadamente 1780/1580 a. C. (MOKHTAR; VERCOUTTER, 2011: xliv), causou o afastamento do controle faraônico na Núbia. Assim, reinos núbios como a região de Kush cresceram progressivamente, recuperando a independência anterior às ocupações egípcias. Tal poder núbio é percebido quando do envio de uma correspondência do governante hicsu Apofis ao rei kushita, propondo que este o ajudasse contra uma prevista retomada do território pelos egípcios (BRISAUD, 1978: 86-87). Tal correspondência, no entanto, nunca chegou ao seu destino, sendo o mensageiro capturado por forças egípcias ante a reconquista faraônica e expulsão do poder hicsu ao fim dos dois séculos de posse estrangeira (ZAYED; DEVISSE: 2011: 107).

Núbios em trânsito no império egípcio: Questões culturais

Diante do recobro imperial egípcio sobre terras estrangeiras após os 200 anos de ocupação asiática de parte do Egito, forças militares instalaram campanhas de dominação nos territórios núbios, florescendo o período conhecido por Novo Império faraônico. É sob a nascente XVIII dinastia real que o Egito prossegue, ao sul do Nilo, em busca da reobtenção governamental perdida. Nessa circunstância de retomada do controle dos territórios, os faraós instauram um estado de vice-reinado nos espaços da Alta e Baixa Núbia. Ante um sistema administrativo de dominação egípcia, as terras núbias receberam escribas, sacerdotes, soldados, artesãos e, sobretudo, o governo de um vice-rei ao serviço faraônico (BRISAUD, 1978: 109; GIORDANI, 2010: 131). No

² Chamados pelos egípcios de *heqa khasewet*, *nobres estrangeiros*, termo hoje tido por Hicsos, constituíam-se de comunidades pastoris semitas e asiáticas diversas, a lançarem-se sobre o território egípcio através do deserto a leste do rio Nilo, estabelecendo-se sobre o delta do rio (BRISAUD, 1978: 86; WILKINSON, 2011: 188).

fluxo Núbia-Egito percebeu-se neste período um massivo trânsito de pessoas, como atesta Néhi, vice-rei da Núbia, ao enviar ao faraó Tutmés III listas de emissões tributárias das regiões núbias de Wawat e Kush, correspondentes aos 10 anos de reinado do faraó. Nelas estão descritos tributos como ouro, marfim e ébano, peles de animais e colheitas, além de 60 cativos de Wawat, e 218 cativos núbios provindos de Kush (BRISAUD, 1978: 109-117).

Da época de Tutmés II, antecessor do faraó supracitado, e representativa no âmbito dos trânsitos e interações, tem-se uma inscrição localizada em Aswan, perto da primeira catarata entre o Egito e a Núbia, acerca das missões egípcias ao sul:

Então este exército de Sua Majestade chegou a *Kush, a infame...* Este exército de Sua Majestade venceu esses bárbaros: eles não conservaram vivo nenhum de seus habitantes masculinos, segundo a ordem de Sua Majestade, exceto um filho de um desses chefes de *Kush, a infame*, que foi levado como prisioneiro. (BREASTED, 2001: 50)³

Se anteriormente vimos o envio de núbios na condição de servos e cativos, neste fragmento temos a evidência de uma prática envolvendo o filho de um chefe. Aliás, outros reflexos desta prática em torno dos herdeiros das terras ao sul se apresentam a partir de alguns esparsos registros imperiais, escritos e imagéticos. Na mesma rota que o anônimo herdeiro kushita do relato acima, outros filhos de reis e líderes núbios foram forçosamente trazidos ao Egito, recebendo uma educação pautada em elementos culturais egípcios em meio à corte dos faraós.

Estes filhos núbios recebiam instruções e saberes em uma instituição que os egípcios chamavam *Kap*, identificada como uma parte do espaço privado da residência real faraônica (MELTZER, 2001, 21). Dessa forma, a política de dominação faraônica, além de expedições militares e controle em terras núbias, pretendia instaurar conexões administrativas e culturais, pautadas em laços de educação e convívio social de herdeiros núbios aos costumes egípcios, sob um processo de dominação colonial que a historiografia cunhou como *egipcianização* (M'BOKOLO, 2009: 79; WILKINSON, 2011, 225; VAN PELT, 2013, 523-550).

³ Tradução livre.

Mas estariam tais sujeitos marcados pela etnicidade núbia efetivamente *egípcianizados*? Teriam tais projetos coloniais de dominação egípcia efetiva ação na *aculturação* destes nobres educados sob a égide faraônica?

Diante dos projetos egípcios de dominação e colonização das regiões e populações núbias, válidas são as considerações do arqueólogo Michael Given ao apontar a experiência colonial como uma complexa trama, onde os projetos coloniais não figuram como realidades sociais, mas sim enquanto pretensiosos modelos à sociedade colonizada, a partir de delineações, determinações e anseios (GIVEN, 2005, 71) a silenciarem e adequarem colonizados, “mas ainda possíveis de se fazer pequenas alterações e decorações a demonstrar sua própria agência e criar sua própria identidade na face da uniformidade imposta pelo Estado” (GIVEN, 2005, 72).

Através deste contexto colonial intenso, temos a problemática presente aos fluxos e circuitos culturais no espaço núbio/egípcio do Novo Império: com base nas fontes e dados arqueológicos disponíveis, como podemos perceber a agência de sujeitos cuja realidade local nem sempre se adequou às delineações e projetos paralelos à dominação colonial egípcia?

A tumba de Huy, já mencionada anteriormente na referência à cena da embarcação com cativos núbios, novamente proporciona à problemática um registro representativo. Em outra cena no espaço funerário de Huy, junto aos tributos e cativos em trânsito ao Egito figuram também em viagem à terra egípcia alguns nobres núbios. Um destes é identificado na pintura como “*Hekanefer*, chefe das terras de Miam⁴”, na região núbia de Wawat. Seguindo a cena, atrás deste encontram-se pinturas de outros sujeitos núbios, identificados como “Chefes de Wawat” e “Filhos dos príncipes de todos os países” (BREASTED, 2001, 420-425).

As representações presentes nas imagens destes núbios denotam os caracteres diversos destes estrangeiros, a vestirem roupas, acessórios e penteados a divergirem das representações egípcias presentes na tumba do vice-rei tebano. Hekanefer, o príncipe de Miam identificado pelos hieróglifos, aparece com os cabelos curtos, trajando vestes brancas com pele de animais, além da pena de avestruz amarrada aos cabelos, itens

⁴ Miam tratava-se da capital administrativa da região núbia de Wawat, no norte do grande espaço núbio que cobria as duas grandes áreas de Wawat, ao norte, e Kush, ao sul. Durante o Novo Império possuiu extensos contatos com o Egito faraônico, tendo recebido ocupações egípcias expressivas. Um exemplo disto era a edificação do templo dedicado ao deus Hórus na capital (LOBBAN JR, 2003: 33).

bastante comerciados pelo Egito nas terras do sul. Este, porém, não é o único retrato de Hekanefer.



Detalhe do fac-símile de Charles Wilkinson da tumba do vice-rei da Núbia Huy, em Tebas, onde podem ser vistos príncipes e líderes núbios a ofertarem tributos ao rei do Egito, com Hekanefer ajoelhado à direita. Site do Metropolitan Museum. <http://www.metmuseum.org/collection/the-collection-online/search/548571>.

O retorno do príncipe de Miam às suas terras de origem apresenta-se por meio de sua tumba, localizada na região núbia de Toshka, entre a primeira e a segunda cataratas do Nilo, na Baixa Núbia. O material funerário de Hekanefer, porém, nos traz imagens étnicas muito divergentes daquelas presentes em sua representação pictórica de ida ao Egito. Desde a arquitetura até as estátuas funerárias e representações do príncipe núbio em seu espaço tumular apresentam-se *eticamente egípcios* (VAN PELT, 2013, 536).

Na mesma direção que Hekanefer, são pertinentes à análise as tumbas dos príncipes núbios de Teh-khet, localizadas na região núbia de Debeira, também na Baixa Núbia e próxima à segunda catarata. Djehuty-hotep e Amenemhet eram nobres núbios cujas vidas perpassaram o reinado da rainha Hatshepsut e do faraó Tutmés III, da XVIII dinastia egípcia. Suas tumbas em formato de pirâmide, estátuas e outras peças componentes da cultural material funerária nos indicam a presença do *cânone egípcio* entre os príncipes, atestando também que os dois príncipes, irmãos, possuíam o título de escribas em um contexto núbio de tradição oral onde a escrita vinha dos fluxos egípcios imperiais.

Aparentemente dos seletos reflexos da condição núbia dos príncipes que mais se expressam estão as menções aos antecedentes familiares destes, como em uma estela ao pai dos príncipes, *Rwiw*, governante de Teh-khet, e sua esposa *Rwn3*, cujos nomes núbios denotam a etnicidade do contexto. O avô paterno dos príncipes, Teti, figura nas fontes também com um nome núbio, *D3i-wi'*, além do próprio príncipe Djehuty-hotep, registrado em seu material funerário, com forte apelo aos padrões egípcios, com um nome em egípcio, Djehuty-hotep, e outro núbio, *Pa-itsy* (RICE, 2004, 48-49; SHERIFF, 2011, 269-270).

Pontual aos nobres de Debeira também está uma estela funerária do outro príncipe, Amenemhet, onde o mesmo aparece fazendo libações e oferendas aos deuses, acompanhado do seguinte texto:

...Amenemhat, que diz: ao ka de Horus senhor de Buhen, um milhar de incenso {e unguentos e um milhar de bois e} gansos, mil juntas de flores, mil de tudo de bom e puro, ofertas de todos os tipos de frutas, para o Ka⁵ de todos os deuses da Núbia. Que possam vir a conceder uma vida boa, benevolência, amor, sabedoria em todo o trabalho

para o ka daquele judicioso que ouve o que é dito, aquele que faz o que os nobres se satisfazem, acurado de coração, sem multiplicidade de discursos, gentil de admiração entre as pessoas comuns, elogiado daquele que está em sua cidade, o vigilante servidor da filha do rei, o escriba * Amenemhat". (RANDALL-MACIVER; WOOLLEY, 1911, 112)⁶

Aqui nota-se que o príncipe Amenemhet, ainda que faça referência à sua ligação com a realeza egípcia, esteja retratado aos moldes de escrita, iconografia e ritualística faraônicas, oferece sua libação e oferendas ao “Ka de todos os deuses da Núbia. Que possam vir a conceder uma vida boa, benevolência, amor, sabedoria”. Dessa maneira, pode-se perceber neste documento de Amenemhet a importância concedida aos deuses locais por este nobre da região núbia de Teh-khet, que recorre a estes ao pedir auspícios.

À problemática deste artigo, em torno das experiências culturais da diáspora, emblemáticos são os caracteres dúbios das representações destes filhos das Núbias anteriormente mencionados. Hekanefer, príncipe de Miam, aos olhares egípcios se apresenta com os arquétipos núbios na tumba de Huy, enquanto em seu espaço funerário em Toshka o príncipe pretende-se sob a égide egípcia imperial. Djehuty-

⁵ Antigo elemento da cosmogonia egípcia, representado por dois braços erguidos, a simbolizar a energia vital divina (CLARK, 2004, 234-235)

⁶ Tradução livre do autor, acompanhada das revisões à versão de Randall-MacIver e Wooley feitas por Sève-Soderbergh (1963, 194).

hotep, também chamado *Pa-itsy* nas fontes escritas de seu material funerário em Debeira, nos apresenta os diversos elementos culturais e tradicionais a ecoarem sua vivência híbrida de colonizado. Da mesma forma, seu irmão Amenemhet nos legou seu culto póstumo aos deuses núbios em uma estela funerária sua, a sugerir a importância dada pela nobreza local aos deuses regionais, em contraponto às políticas egípcias de transformação cultural e egípcianização.

Nas expressões destes nobres, sincronizações parciais egípcias e núbias, diante de engajamentos fronteiriços, confluências de tradições culturais diversas em um contexto de relações de poder nos sugerem a ação destes sujeitos diante da imposição do deslocamento e da disjuntura da atmosfera imperialista, a negociarem entre posições dominantes e subalternas os elementos culturais que lhes couberam. Assim, sob transcodificações de significados culturais, estes príncipes, sujeitos aos projetos coloniais faraônicos e imersos em tradições núbias, expõem nos relances imagéticos ou nominais de seus fragmentos de existência um intrincado e complexo emaranhamento cultural (STOCKHAMMER, 2013), para além de definições rígidas diante de tradições culturais construídas, herdadas e compartilhadas (BHABHA, 2013: 21).

Hekanefer, *núbio* em terras egípcias e *egípcio* em terras núbias, Amenemhet, ao cultuar deuses núbios em uma estela funerária egípcia, e Djehuty-hotep/*Pa-itsy*, príncipe núbio de Teh-khet e filho de *Rwiw* e *Rwn3*, são, assim, sujeitos *entre-lugares*, cujas vidas duplas cruzam-se entre a hifenação núbio-egípcia, em um contexto diaspórico de movimentação cultural, associações políticas e antropológicas e deslocamentos (BHABHA, 2013).

À guisa de conclusão

Na proposta de elaboração de uma lógica de análise a perceber dinâmicas culturais e emaranhamentos, este capítulo tencionou perceber, no campo de uma antiguidade africana, interações, trânsitos e elos de contato elaborados entre egípcios e núbios percebidos sobre – e sob – fronteiras étnicas edificadas e restauradas constantemente pelas ações destes sujeitos.

Diante de fontes cujas representações egípcias tecidas aos núbios nos denotam processos de identificação e alteridade, possibilitou-se a interpretação da visão egípcia

diante de seus vizinhos ao sul, através de intenções, experiências e movimentações a construir constantes interações culturais.

Seja a partir dos anônimos rostos de homens e mulheres em cativeiro, seja por meio da figura de príncipes como Hekanefer, Djehuty-hotep/Pa-itsy e Amenemhet, a documentação em torno destes sujeitos de origens núbias no contexto imperial egípcio nos sugerem vivências permeadas por adequações e intenções coloniais, mas também por elementos a sugerirem ações e invenções neste mesmo espaço de diferenças. Dessa maneira, encerramos este texto com a consideração de ter percebido os indícios a apontarem o protagonismo destas personagens no âmbito de suas vidas, atreladas a um contexto de movimentos e a um momento de adaptações, sem dúvida. Mas, sobretudo, guiadas por criações e associações tecidas pelos próprios sujeitos, a inventarem-se dentro de suas existências.

REFERÊNCIAS

ALDRED, Cyril. Hair Styles and History. In: Metropolitan Museum of Art Bulletin, New ser., v. 15, no. 6. Fevereiro, 1957. Disponível em:
< www.metmuseum.org/.../3257776.pdf.bannered.pdf>.

BAKR, Abu. O Egito faraônico. In: MOKHTAR, G. (Org). **História Geral da África: A África antiga**. São Paulo: Cortez/Brasília: UNESCO, 2011.

BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo: Editora da Unesp, 2011.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**, Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

BÍBLIA. Português. **A Bíblia de Jerusalém**. Nova edição rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 1985.

BREASTED, James H. **History of Egypt**: from the Earliest Times to the Persian Conquest. New York: Charles Scribner's Sons. 1909.

_____. **The Conquest of Civilization**. New York; London: Harper and Brothers. 1926.

_____. **Ancient records of Egypt**: The eighteenth dynasty. Chicago: University of Illinois press, 2001. Vol. II.

BRISSAUD, Jean Marc. **A civilização núbica até a conquista árabe**. Rio de Janeiro: Otto Pierre editores, 1978.

CAMPAGNO, Marcelo. Notas sobre espacio, tiempo y alteridad em el antiguo Egipto. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; OLIVEIRA, Haydée (orgs.). **Tempo e espaço no Antigo Egito**. Niterói: PPGHistória-UFF, 2011.

CARDOSO, Ciro Flamarion. **Deslocamento e alteridade**: A associação da distância e da viagem com o estranho e o maravilhoso entre os antigos egípcios. In: Revista Phoênix, Rio de Janeiro, 16-1, 2010.

CARDOSO, Paulino de Jesus Francisco. Políticas culturais na educação: pensando o currículo, a formação de professores e o multiculturalismo. In: **Anais do I Simpósio Internacional de educação e IV fórum nacional de educação – 2007**.

DAVIES, N. de Garis; GARDINER, A. H. **The Tomb of Huy**: Viceroy of Nubia in the reign of Tutankhamun. London, 1926.

DIOP, Cheikh Anta. **The African origin of civilization**: myth or reality. USA: Lawrence Hill & CO Publishers, 1974.

DIOP, Cheikh Anta. A origem dos antigos egípcios. In: MOKHTAR, G. (Org). **História Geral da África: A África antiga**. São Paulo: Cortez/Brasília: UNESCO, 2011.

EDWARDS, David. N. African perspectives on Death, Burial and Mortuary Archaeology, in L. Stutz and S. Tarlow (eds) **Oxford Handbook of the Archaeology of Death and Burial**, Oxford: OUP, 2013, 209-226.

_____. **The Nubian past: an archaeology of the Sudan**, London: Routledge, 2004.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. **O Queijo e os vermes: O cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GIORDANI, Mário C. **História da África: anterior aos descobrimentos**. Petrópolis: Vozes, 2010.

GIVEN, Michael. **The Archaeology of the colonized**. London: Routledge/Taylor & Francis e-Library, 2005.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomás Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2004.

_____. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

LICHTHEIM, Mirian. **Ancient Egyptian literature: a book of readings, vol II. The new kingdom**. Berkeley: University of California press, 1976.

LOBBAN JR, Richard. **Historical dictionary of ancient and medieval Nubia**. Maryland: Scarecrow press, 2003.

LOPES, Carlos. A pirâmide invertida: Historiografia africana feita por africanos. In: **Actas do Colóquio Construção e Ensino da História da África**. Lisboa: Linopazas, 1995.

LOPRIENO, Antonio. **Topos und Mimesis**. Zum Aüsländer in der ägyptischen literatur. Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1988.

M'BOKOLO, Elikia. **África Negra – História e civilizações**. Tomo I (Até o século XVIII). Salvador: EDUFBA; São Paulo: Casa das Áfricas, 2009.

MACEDO, José Rivair. **História da África**. São Paulo: Contexto, 2013.

MALAVOTA, Cláudia Mortari. Ensino de História das Áfricas e a Historiografia, 2013. Material didático para o curso de Formação Continuada para professores, intitulado **Introdução aos Estudos Africanos e da Diáspora** promovido pelo NEAB/UDESC.

MIGNOLO, Walter. **Histórias locais/Projetos globais: Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MOKHTAR, Gamal.; VERCOUTTER, Jean., Introdução *Geral*. In: MOKHTAR, G. (org). **História geral da África II – A África Antiga**. São Paulo: Ática, Unesco, 1983.

NUBIA. <http://www.metmuseum.org/collection/the-collection-online/search/548571>.

PETRIE, William. **Prehistoric Egypt**. (British School of Archaeology in Egypt 31.) London: Quaritch, 1920.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth**. São Paulo: Editora da Unesp, 1998.

REEVES, Nicholas; WILKINSON, Richard. **The complete valley of the kings: tombs and treasures of Egypt's greatest pharaohs**. Cairo: American University in Cairo press, 2005.

REVEL, Jacques (org.). **Jogos de escalas: A experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.

RICE, Michael. **Who's who in Ancient Egypt**. New York: Taylor & Francis e-Library, 2004.

ROMER, John. **O vale dos reis: o mistério das tumbas reais do antigo Egito**. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1994.

ROYCE, A. P. **Ethnic Identity: Estratégias of diversity**. Bloomington: Indiana University Press, 1982.

SANTOS, Moacir Elias. **A presença de estrangeiros no contexto funerário egípcio do Reino Novo**. In: Revista Plêthos, 2, 1, 2012.

SÄVE-SÖDERBERGH, T. **The paintings in the tomb of Djehutyhotep in Debeira**. Kush 8, 25-44, 1960.

_____. **The tomb of the prince of The-khet**. Kush 11, 159-74, 1963.

_____. **New Kingdom pharaonic sites: The finds and the Sites (The Scandinavian Joint Expedition to Sudanese Nubia publications vol. 5:2) Partille: Paul Aström**, 1991a.

_____. **The-khet: The cultural and sociopolitical structure of a Nubian principedom in Tuthmoside times**. In: DAVIES, W. **Egypt and Africa**. London: British Museum Press, 1991b.

SERRANO, C. M. H. ; WALDMAN, M. . **Mémória d'África**: a temática africana em sala de aula. 1. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2007

SHARPE, Jim. A história vista de baixo. In: BURKE, Peter. **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

SHERIFF, Nagm-El-Din Mohamed. A Núbia antes de Napata (3100 a 750 antes da Era Cristã). In: MOKHTAR, G (ed.). **História Geral da África**: África Antiga. São Paulo: Cortez, 2011.

SILVA, Alberto da Costa e. **A enxada e a lança**: A África antes dos portugueses. 5. ed., rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

SIMPSON, W. K. **Nubia**: The University Museum – Yale University Expedition. Expedition, vol 4, nº 4, Philadelphia, 1962.

_____. **Heka-Nefer and the Dynastic Material from Toshka and Arminna**, New Haven CT and Philadelphia PA, 1963.

SMITH, Stuart Tyson. **Wretched Kush**: ethnic identities and boundaries in Egypt's nubian empire. London/New York: Routledge, 2003.

_____. Ethnicity and culture. In: WILKINSON, Toby (Ed.). **The egyptian world**. New York: Routledge. 2007.

STOCKHAMMER, Philipp W., **From Hybridity to Entanglement**, From Essentialism to Practice. *Cambridge Archaeological Journal*, 28, 1, 2013, p. 11-28.

TÖRÖK, László. **Between two worlds**: the frontier region between ancient Nubia and Egypt – 3700 BC - 500 AD. Leiden, Brill, 2009.

VAN PELT, Paul. Revising Egypto-Nubian Relations in New Kingdom Lower Nubia: From Egyptianization to Cultural Entanglement, **Cambridge Archaeological Journal**, 23, 3, 2003, p. 523-550.

VIEIRA, Fábio Amorim. **Olhares acerca do Egito faraônico**: escritos historiográficos e interações culturais sob o Novo Império egípcio, Monografia de História, Universidade Estadual de Santa Catarina, 2013.

WEBER, Max. Ethnic groups. In: PARSONS, Tim (Ed.). **Theories of society**. New York: Free Press, 1947.

WILKINSON, Toby, **The rise and fall of ancient Egypt**. London: Bloomsbury, 2011.

ZAYED, Abd El Hamid; DEVISSE, J.. Relações do Egito com o resto da África. In: MOKHTAR, G. (Org). **História Geral da África**: A África antiga. São Paulo: Cortez/Brasília: UNESCO, 2011.